



EDITORIAL

MASCARADOS, MAS REGRESSADOS

O mês de outubro viu os edifícios do ILCH em Gualtar, Couros e Congregados e as salas de aula a si atribuídas animar-se de vida e juventude. Os nossos quase 1400 estudantes voltaram aos *campi*, cumprindo rigorosamente as normas de segurança e dando um exemplo de cidadania. Embora algum ambiente de incerteza naturalmente se mantenha, o sentimento é de alegria e determinação, num esforço conjunto pela retoma da normalidade.

De alegria foram, também, vários outros momentos recentes da vida do ILCH: a atribuição do Prémio Camões ao Professor Vítor Aguiar e Silva, a indexação da revista *Diacrítica*, a publicação de vários livros, a defesa bem-sucedida de teses de doutoramento e o ingresso na carreira de vários docentes. Enquanto se aguarda com expectativa o desenvolvimento da pandemia extramuros, olhamos criticamente para uma das medidas em discussão, através do texto de um investigador do CEPS (vd. "Opinião"). I.E.

INDEXAÇÃO

CEHUM: REVISTA DIACRÍTICA NA SCOPUS

Para Cristina Flores (CF), Diretora do Centro de Estudos Humanísticos (na imagem), a indexação da *Diacrítica* na SCOPUS constitui um passo importante no reconhecimento nacional e internacional da revista enquanto fórum de excelência de divulgação de trabalho científico na área das Humanidades. Fundada em 1986, a *Diacrítica* tem-se pautado, de acordo com CF, pela definição ponderada dos volumes temáticos e pelo trabalho sério e rigoroso de revisão por pares. Concedendo que a SCOPUS é uma base de indexação, entre várias, e que o seu papel enquanto promotora da divulgação científica não é unanimemente celebrado na comunidade, CF acredita, não obstante, que a indexação vem fortalecer o papel da *Diacrítica* enquanto elemento estratégico da política de divulgação científica do Centro, nomeadamente dos eixos temáticos da investigação aí desenvolvida: o que mudou sobretudo – refere – foi a consciência de que a *Diacrítica* deixou de ser uma revista "caseira".



DOUTORAMENTOS



SOBRE O VIOLINISTA SOUROUJON

Eliot Lawson, docente de violino do Departamento de Música, defendeu com êxito, na Universidade de Évora, a sua tese de doutoramento, com o título "Léon Souroujon: Complete works for violin solo".

'CELEB CULTURE' E SUBVERSÃO

Orquídea Cadilhe, docente do Dep. de Estudos Ingleses, também defendeu com sucesso, no dia 30 de outubro, a sua tese de doutoramento, intitulada "Cher: Between the Myth of Celebrity and the Empowerment of Minorities. Transmutations of the 'Unruly Woman'".



PRÉMIO

VÍTOR AGUIAR E SILVA É PRÉMIO CAMÕES

O nosso antigo professor e figura insigne do ILCH vê, uma vez mais, a sua obra justamente reconhecida.

Fizemos-lhe umas breves perguntas: **Qual o significado deste prémio para si?** O *Prémio Camões* representa o coroamento de um longo percurso universitário – um percurso, portanto, cultural e científico – consagrado ao ensino e à investigação nos domínios da literatura portuguesa e da teoria literária.

Poderia destacar outros momentos da sua carreira que lhe tenham dado particular satisfação? Posso destacar a conclusão, no dia 11 de Fevereiro de 1972, das minhas provas de doutoramento, na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. Ao entrar no claustro doutoral da velha Universidade, contraía um compromisso sem termo certo.

Que trabalhos tem em mãos para o futuro próximo? O projecto de trabalho que me ocupa agora e nos meses futuros é a reescrita da minha *Teoria da Literatura*.

Que outros estudos gostaria de encetar? Se tiver vida e saúde, gostava de levar a cabo uma edição comentada de *Os Lusíadas*.

Votos de que esse desejo se concretize!



INVESTIGAÇÃO

RENTRÉE PRODUTIVA EM LIVROS

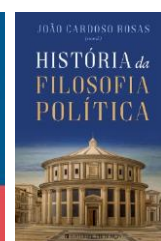
A 16 de outubro decorreu no Edifício dos Congregados o lançamento da coletânea *Ouvir e Escrever Paisagens Sonoras*, coordenado por Elisa Lessa, Pedro Moreira e Rodrigo Teodoro de Paula. Os presentes puderam assistir à atuação de Vítor Matos, no clarinete, que tocou "Torre della Scimmia", de Joaquim dos Santos. A sessão contou ainda com a intervenção da Vereadora da Educação e Cultura da CMB, Lúcia Dias, e de Orlando Grossegegesse



e José Eduardo Silva, investigadores do CEHUM. Outras obras de membros do ILCH vindas a lume recentemente foram *Poéticas Interculturais: Representações Literárias do Outro como Estrangeiro*, organizado por Paula Guimarães e

publicado pela Húmus, *Humain, Posthumain*, organizado por Cristina Álvares,

Ana Lúcia Curado e Sérgio G. Sousa e publicado pelas Éditions Le Manuscrit, e *História da Filosofia Política*, organizado por João Cardoso Rosas e publicado pela Editorial Presença.



EVENTOS

CURSO DE FILOSOFIA: AULA INAUGURAL

A Licenciatura em Filosofia abriu o ano letivo, como já é tradição, com uma aula inaugural. Teve lugar no dia 21 de outubro e o orador foi o Prof. André Barata Nascimento, da UBI, que falou sobre “Duas Conceções do Trabalho: Humanização do Mundo ou Mundificação do Humano”.



ALUNOS

ENTRAR NO ILCH COM 20 VALORES

Conversámos com Margarida Gonçalves, de 50 anos, aluna do 1º ano de Línguas Aplicadas:

Qual o segredo de se conseguir entrar na universidade com 20 valores na área de Letras, cujo teto era tradicionalmente bem mais baixo?

No meu caso, não existe nenhum segredo. A minha paixão pelas línguas e o meu contacto permanente com a língua alemã foram os principais fatores para conseguir uma excelente nota, nunca imaginando que seria de 20 valores.

De onde vem essa paixão pelas línguas?

De muito nova. Muito cedo, com 3 anos, fui viver para a Alemanha com a minha família. Talvez o facto de me expressar quer em alemão quer em português tenha despertado em mim o gosto pelas línguas.

Nesta fase da sua vida, quais as motivações para ingressar numa Licenciatura?

Prende-se com questões pessoais, ou seja, sempre foi uma ambição frequentar a universidade. Como tal, não tendo sido possível no passado, apostei agora no meu enriquecimento académico.

Como é voltar a ser estudante?

Não tem sido fácil estar à altura do desafio. Há décadas que deixei de estudar. Deparo-me com algumas dificuldades. Por exemplo, "no meu tempo" era tudo muito caneta e papel. Hoje em dia, as tecnologias da informação estão bastante presentes no ensino, fator que me tem causado alguma dificuldade. Porém, não será de todo motivo para baixar os braços.

Quais são as suas expectativas para o futuro, após a conclusão do curso?

Neste momento, passo a passo, vou fazendo o meu caminho, atingindo gradualmente os meus objetivos, sem traçar grandes metas para o futuro, mas tendo sempre como foco poder vir a trabalhar na área da tradução.



CONSELHO PEDAGÓGICO

PEDRO MARTINS ASSUME PASTA



Doutorado em Filosofia desde 2007 e com larga experiência na gestão pedagógica (foi Diretor de Curso em três ocasiões) e académica (Diretor de Departamento de 2012 a 2014), Pedro Martins tomou posse no dia 29 de outubro. (Na imagem, com a Secretária de Escola, à esq., e os colegas da equipa da Presidência.) Votos de muito ânimo e sucesso nesta exigente conjuntura!

PROMOÇÃO DE LEITORES

TRÊS PROFESSORAS CONVIDADAS ENTRAM NA CARREIRA DOCENTE

O Decreto-Lei 122/2019 permitiu aos Leitores das universidades portuguesas – uma categoria ocupada por docentes de línguas estrangeiras, por norma falantes nativos – integrar a carreira docente, desde que estivessem há pelo menos dez anos ao serviço e tivessem, entretanto, finalizado o Doutoramento.



No ILCH, quatro colegas reuniam estas condições, tendo três delas, no mês de outubro, sido aprovadas, por unanimidade, em provas públicas duplas com intervalo de um dia e formato *online*. Nadejda Machado, doutorada em Literatura Russa (à esq.), Lola Lerma, doutorada em Linguística Aplicada e docente de espanhol e catalão (ao centro) e Conceição Varela, doutorada em Análise do Discurso e docente de língua francesa (à direita) estão de parabéns. O ILCH congratula-se por ver recompensados os esforços de três ótimas docentes e alarga os seus melhores votos à Doutora Kuniko Ukai, docente de Literatura e Cultura Chinesas e Japonesas, cujas provas decorrerão na próxima semana.

OPINIÃO

ÉTICA E STAYAWAY-COVID

Por: Daniele Santoro (CEPS)

A obrigatoriedade da aplicação StayawayCovid – o *software* móvel concebido para identificar contactos na atual pandemia – tem ocupado boa parte do debate público nas últimas semanas. Um dos principais argumentos passa por considerar que, para além do objetivo anunciado, a StayawayCovid constituiu também uma tentativa encapotada de vigiar a vida privada dos cidadãos. Não tenho a certeza se a proposta vai passar. Os sinais apontam em sentido negativo, mas as razões para adiar ou retirar a proposta parecem insistir na questão errada, isto é, no problema da privacidade.

Desde logo, a preocupação parece excessiva. Temos garantia suficiente de que, uma vez que a *app* emprega um processo descentralizado de aquisição de dados, não envia dados confidenciais para uma base de dados central, mas guarda-os antes no telefone, funcionando apenas através do *bluetooth*, que regista contactos próximos não geolocalizados. Parece haver pouco risco de se estabelecer uma vigilância generalizada da população. Uma questão diferente é se o registo descentralizado poderia ser acedido quando um telefone fosse “hackeado”, mas este é um problema que deveria preocupar as pessoas em geral, especialmente quando elas concordam em compartilhar os seus dados pessoais com outros serviços menos essenciais.

O problema com a Stayaway não é a privacidade, então, mas sim o facto de que tornar a aplicação obrigatória parece gerar uma reação adversa. Como a explicar e superar? Poderíamos imputar tal comportamento à irracionalidade, ao egoísmo ou a uma sensação equivocada de privacidade. No entanto, no meio desta pandemia, especialmente no meio de uma segunda vaga, a incerteza é dominante. Portanto, na ausência de informações sobre as razões pelas quais a *app* deve ser instalada, a sua eficácia não é clara. Talvez, em vez de impor o uso de uma *app* que as pessoas não conhecem e na qual, portanto, não confiam, uma melhor política de saúde pública passaria por explicar por que é importante, nesta conjuntura crítica, usá-la de modo a incentivar o *download* voluntário.

Infelizmente, impor novas leis é, por vezes, um atalho para evitar um debate público sério sobre os prós e contras. Daí a discussão tornar-se muitas vezes adversarial, acabando transformada numa querela sobre princípios, mesmo quando, como neste caso, não há um verdadeiro conflito de princípios. Não se vê um verdadeiro confronto entre os direitos e a segurança pública, e a questão moral da privacidade está mal colocada. A atual pandemia mostra, em vez disso, que a questão é epistémica. O melhor antídoto contra os confrontos evitáveis reside numa melhor informação e numa melhor circulação da informação.

